

CENA I - FASCISTA

O pai sai do armário vestido com pelitô azul do Grêmio Futebol Clube no casaco; atrás vai o guri, vestido com o mesmo imenso emblema. Ao saírem do armário os dois caminham por todo o espaço (que saem da trilha manejada pela mãe na gabine de som). Escuta-se ovações e aplausos (que saem da trilha manejada pela mãe na gabine de som). O Pai agradece os cumprimentos do público imaginário. O guri caminha atrás dele, cerimoniosamente, com uma pasta embaixo do braço. Ambos se detêm num estrado imaginário. Mais aplausos fortes. O guri aplaude também.

GURI- (lendo) Hoje o Grêmio Futebol Clube está em festa. Mais do que nunca esta grande família formada por nós, gremistas, volta a sentir-se orgulhosa da união dos seus filhos. No passado, em _____, foi _____, nosso sócio fundador número 1, que contribuiu na construção do nosso primeiro setor de sociais. (APLAUSOS GERAIS ? INCLUSIVE DO PAI E DO GURI). Peço por nosso querido _____, hoje ausente nesta vida, um minuto de silêncio (SE ESCUTA A MASSA GRITANDO O NOME DO FUNDADOR). O Guri faz "psiu" e um gesto de reprovação com a mão; Depois de um minuto de silêncio, o Guri continua. A Mãe trabalha harmoniosamente na gabine). Hoje nosso querido estádio conta com um setor de sociais que abriga a 500 sócios confortavelmente sentados, dois banheiros para homens e mulheres, em condições de satisfazer as necessidades higiênicas de mais de 500 associados (GRÊMIO, GRÊMIO- GRITA A MASSA), e é hoje (LEVANTA A VOZ) o aniversário daquele histórico domingo de _____, data em que inauguramos nossas sociais, derrotando (e voz cada vez mais contundente) o Internacional por _____, dois gols do nosso inesquecível Luis Anchieta (Anchieta, Anchieta a massa delira). Hoje completa _____ anos e é novamente um filho nosso, Dom Paco Galhardo (DOM PACO, DOM PACO) (o Pai agradece emocionado) quem contribuiu à grande família tricolor com um donativo bilionário que permitirá a construção de uma piscina e dimensões olímpicas e de uma grande biblioteca para nossos associados. Cumprimos com o legado de nossos fundadores: fazer de um clube de futebol também um clube social e cultural para nossa comunidade. Por isso a diretoria quer dizer a Dom Paco, hoje no céu e a Dom Pepe, aqui presente, em nome de todos os sócios simpatizantes do Grêmio "Muito Obrigado" a estes grandes homens. Muito obrigado! (OVAÇÃO GERAL. SE ABRAÇAM DOM PACO E O GURI ANTES DO DELÍRIO E A GRITARIA "COM DOM PEPE E DOM PACO LHES ROUPEMOS O BURACO").

O publico pede que Dom Paco fale. O guri passa o microfone para o Pai.

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE PARA FINS DE CENSURA DO TEXTO. AS REPRESENTAÇÕES DESTE SUJEITO A NOVA AUTORIZAÇÃO DEBEM SER ANTE O SUPERINTENDENTE DE R. A. P. U. S. B. A. T. CENSURA FEDERAL D.P.F. S. S. O. P. I. S. R. I. S.



Dom Paco aparece misteriosamente com um bigodinho no último momento. Tirou os óculos e transformou-se em Adolf Hitler - fazendo um discurso inteligível. Não é possível escuta-lo devido ao som ensurdecedor da multidão. (o som da massa se parece aos dos discursos de Hitler e Mussoline). COM OS RUIDOS DE " HAI HITLER " - DOM PACO SE TRANSFORMA EM HITLER. A CADA-TANTO INTERROMPE O DISCURSO - E FAZ O CUMPRIMENTO NAZISTA, COMPLETADO PELOS GRITOS DA MULTIDÃO; O GURI SE TRANSFORMA NUM REPRESENTANTE DA JUVENTUDE NAZISTA E OBSERVA A HITLER MINUCIOSAMENTE. O DISCURSO DE DOM PACO DEVE LEMBRAR UMA CERIMÔNIA FASCISTA DE 1938-1939).(AO TÉRMINO DO DISCURSO DOM PACO E O GURI - MARCHAM JUNTOS COM PASSO DE GANÇO. DE REPENTE O PAI INTERROMPE BRUSCAMENTE A MARCHA).

PAI- (FAZENDO SINAIS PARA A MÃE DIMINUIR O VOLUME DO SOM, SE DIRIGE - AD GURI) Não vai aprender nunca imbecil. Te manda daqui! (O GURI FOGE - DA CENA CORRIDO PELO PAI).

CENA II - ROLETA (COMEÇO)

(RUÍDO DE ROLETA. POUCA LUZ. O PAI ENCOSTADO NUM SOFÁ).

PAI- Negro 33! Negro 33! Acertei! Acertei! (LEVANTA DA CAMA E DIRIGE - SE AO CHÃO ONDE HÁ UMA ROLETA NO CANTO DO QUARTO) OLHA A ROLETA E DE - POIS O NÚMERO. " Negro 12" (COM VOZ DE DECEPÇÃO).(SAI CORRENDO E PRO - CURA EMBaixo DA CAMA E TIRA UMA ROLETA MENOR) " Zero" (COM VOZ MAIS - DECEPCIONADA) "Mais que merda! Não acerto uma! (ACENDE A LUZ). APARE - CENDO O CENÁRIO QUE DEVERÁ TER MAIS ELEMENTOS QUE TRADUZAM O ELEMENTO - ROLETA; MUITOS LIVROS JOGADOS PELO ^{chão} DESODORNADOS EM VÁRIAS PILHAS.

O PAI SE DIRIGE A UM CANTO E TIRA UM RANCO DOBRADO. O ESTENDE - NO CHÃO; O RANCO É BASTANTE GRANDE. DIRIGE-SE AO ARMÁRIO E TIRA UMA RO - LETA MAIOR DO QUE AS ANTERIORES; CUSTA PARA LEVANTA-LA. LEVA-A NOS - BRAÇOS; SOBRE DE LUMBAGO (coluna). TREPEÇA. BEIZA A ROLETA NO CANTO - COM ESFORÇO. " Um dia vou ficar torto " (Tudo feito com grande pausa.

AJDELHA-SE, FICA DE QUATRO. TIRA ACAIXA DAS FICHAS E ORDENA AS FEITO UM " CROUPIER " PROFISSIONAL. MOVIMENTOS QUE INDICAM UM TRA - BALHO DE VERDADEIRO FUNCIONÁRIO DE ESCRITÓRIO; TIRA DE UMA GAVETA UM - BLOCO DE FOLHAS EM BRANCO, COMO UM EMPREGADO QUE CHEGA NO ESCRITÓRIO, MANEJA COMO DE ROTINA OS OBJETOS DA SUA MESA. ORDENA LÁPIS, A - PONTADOR, ÓCULOS, TIRA OS LIVROS DE UMA DAS PILHAS. APONTA O LÁPIS. ABRE UM LIVRO DE " PUGLIESE", SENTADO NO CHÃO. LÊ EM VOZ ALTA AS COM - BINAÇÕES. PUXA UMA FOLHA.FAZ ANOTAÇÕES) TERCEIRA DÚZIA COM A VARIANTE



15. (ABRE o livro) São 13 números (anota) Variante alterado. Pega as fichas sem deixar o livro e as coloca comodamente no pai

Tira uma bola. A observa bem, roda a roleta) Não vai mais, (Joga a última ficha no tabuleiro) (com voz de croupier) Negro 0 12. Perdi - outra vez! (tira com uma pá as fichas do tabuleiro. Arruma as fichas. Volta ao trâmite burocrático. Continua a estudar a variante. Abre um livro, fecha-o. Abre outro. Entra o guri. O pai não vê. Continua anotando. O guri aproxima-se do armário. Abre-o. Aparece um espelho enorme. O guri fica se observando, e o pai lendo variáveis de segunda dúzia. Continua lendo e anotando. Pega várias fichas. As arruma para uma nova jogada. Faz anotações e consultas).

PAI: (observa primeiramente o guri) E : tú não vem ? estou te esperando! (o guri) sobressaltado tira do armário, como que automaticamente, um traje ou "alço" que o, identifique como croupier. O pai continua anotando. Voam Folhas e lápis. O guri veste-se rapidamente e aproxima-se do tabuleiro. O pai sem olha-lo, abre espaço para ele.

Ao chegar no tabuleiro o guri faz uma verdadeira metamorfose - transforma-se num "croupier profissional". Pega as fichas, as maneja e ordena profissionalmente. O pai anda.

GURI: (com agilidade, manejando as fichas com a pá) 2 de 500 e 10 de 100 (o pai pega as fichas. Abre o livro e joga) Não vai mais!

(O pai tenta jogar, mas o guri o detém com a pá) Não vai mais (pausa) - Vermelho 36!

PAI: Mas é incrível, pedir outra vez (pega um livro, joga-o fora, pega outro).

GURI: Cobra, coluna e rua (entrega-lhe as fichas e tira outras do tabuleiro. O pai olha outro livro e estuda) Façam o jogo senhores. (ordena as fichas)

PAI: (para si próprio) Variante segunda dúzia-12 ao 18 incluindo ím - per (joga fichas)

GURI: Não vai mais, (pausa) Zero!

PAI: Puta que pariu, que merda. (ao guri) Mais 2000 mil na chance.

GURI: 1 de 1000 e 2 de 500 (entrega-lhe as fichas)

PAI: (olha o livro rapidamente) Chance ... (olha o livro) cor página 44 Alternativas. Alternativa livro 3 (busca) Onde está o livro 3 ? (busca desesperadamente o livro. Não o encontra)

GURI: Façam o jogo senhores!

PAI: (busca no armário) Velha, tu não sabe onde está o livro 3 de "Puglise"?

Aonde é que tu botou? Que mania de pôr os livros em qualquer lugar!
(busca por todos os lados o livro das chances!!! (gritando))

MÃE: Não grita infeliz! Quer que nos levem presos? tá louco?

PAI: (com pressa) O livro das chances, velha; o de Puglise. Onde está?

MÃE: Está no banheiro; estou lendo.

PAI: Porque tu tirou ele daqui! (sai correndo)

GURI: Façam o jogo senhores. Não vai mais. (pai está correndo com o livro de Puglise aberto e se joga sobre o tabuleiro)

PAI: (joga as fichas) página 44 segunda dúzia

MÃE: (olhando ao redor) que bagunça! (começa a arrumar)

PAI: (continua jogando) Um momento por favor.

GURI: Não vai mais!

PAI: tudo ao vermelho (joga todas as fichas).

MÃE: (limpando) Joga no negro.

GURI: Negro 11

MÃE: Não falei ?

PAI: Não me fale quando estou jogando! Que puto azar que tenho hoje !

MÃE: (para o guri) Vai trocar de roupa que temos que comer Vamos!

Tira a roupa!

PAI: Deixa ele mais um pouquinho! Eu quero fazer outra jogada deixa, eu quero revanche.

MÃE: (ao guri) Vamos!

PAI: Tu nunca vai fazer um favor pra mim!

(começa a arrumar tudo)

MÃE: olha como tu deixou o quarto com esta porcaria (pega os livros e joga-os pelo ar). A casa está atrolhada dessas coisas. Olha! olha!

(mostrando os livros para ele) Como é que tu pode viver assim? Já não dá nem para caminhar! (caminha por entre as fileiras de livro atirados.

Chuta a roleta) E está porcaria, um dia eu vou queimar essa coisa.

Vamos (ao pai) arruma tudo se não joga tudo no lixo (o pai levanta a roleta do chão e volta a ter

) Dobra o pano, guarda-o. Ordena os livros. Guarda os blocos e os lápis.

É um funcionário que se retira do escritório. A mãe limpa. O pai tira do armário uma roleta menor, um tabuleiro pequeno e coloca-o na mesa.



Faz as anotações. O guri continua no espelho, brincando.

Comida:

Os tres estão na mesa; O guri come purê que a Mãe lhe dá na boca.





CENA III - PURÊ

Os três à mesa. O guri come purê que a mãe lhe dá na boca.

Mãe: Coma, assim você vai ficar grande e forte como seu avô. (O guri come sem vontade, mas obedece a mãe). Olha como o nene gosta de purê! (continua a lhe dar).

Pai: Como tu sabes que ele gosta, se ele não diz que gosta?

Mãe: Mas come, isso é o principal! Ele sabe que tem de se alimentar para crescer. Está em plena fase de crescimento.

Pai: Eu não acredito que ele goste de purê. Come porque é obrigado.

Mãe: (Continua dando). Tu queres que ele não se alimente. Que não coma nada? Que se debilite? Ainda bem que tu não és a mãe.

Pai: Ele deveria comer outra coisa. Ele não gosta de purê. Tem que lhe dar carne. Ele já tem idade para comer carne.

Mãe: Nunca me pediu carne. Ele gosta de purê. (segue dando purê. O guri continua comendo. Tem a boca cheia de purê porque já não engole). Tu gosta da papa da mamãe?

Pai: Não falou nada, viu? (olha para o guri). Não gosta de purê.

Mãe: Tu acha que ele não gosta de purê? E então, porque come, hein? (continua dando o purê para o guri. E este vai ficando na cara, nariz e olhos).

Pai: Porque tu não dá carne? Da carne e tu vai ver como ele não prova mais purê.

Mãe: Tu come carne e adora purê.

Pai: Eu como carne, porque se eu não comesse carne não poderia comer purê.

Mãe: É obrigatório comer purê quando se come carne? Poderias comer carne e deixar o purê de lado... Ninguém te obriga a comer purê e, muitas vezes tu repete.

Pai: Porque eu como carne!

Mãe: Porque tu adora purê!

Pai: Gosto de purê porque como carne!

Mãe: Não, tu gosta de purê porque gosta de purê!

Que raciocínio é esse? Eu gosto de uma coisa porque gosto de uma coisa e não gosto de uma coisa porque gosto de outra coisa. (continua enchendo a cara do guri de purê).

Pai: (olhando o guri). Ele deveria comer carne. Já é grande.

Mãe: Ele gosta de purê.

Pai: Porque tu não lhe dá carne?

Mãe: Ele não gosta de carne.

Pai: Como é que tu sabes, se nunca lhe deu?

Mãe: Porque ele gosta de purê. Se não gostasse de purê não lhe daria purê.

Pai: Gosta de purê, mas poderia comer carne. Tu não lhe oferece carne e então ele come purê.



Mãe: O dia que ele não gostar mais de purê eu vou lhe dar carne! sobre os olhos uma grande colherada de purê).

Pai: Tu nunca vai ficar sabendo se ele gosta de carne.

Mãe: Porquê?

Pai: Porque tu nunca ofereces. Se nunca lhe ofereceres carne, nunca vai saber se gosta de carne.

Mãe: Vou lhe dar carne quando deixar o purê. (a cara do guri está cheia de purê).

Pai: Ao contrário. Vai deixar o purê quando conhecer a carne.

Mãe: Tu não deixou o purê! Tu come carne e continua comendo purê.

Pai: Porque eu como carne! (gritando)

Mãe: E quem te impede de comer carne?

Pai: Digo que como purê porque como carne.

Mãe: Se não comesses carne, comerias purê?

Pai: (confuso). Claro, não nego que gosto de purê. É o complemento da carne (olhando para o guri). Coitado do guri, está cheio de comer purê!

Mãe: Se estivesse cheio, não comeria.

Pai: Está resignado (olha-o com tristeza).

Mãe: (indignada). O que tu disse?

Pai: Está resignado a comer purê a vida toda!

Mãe: E porque ele tem de se resignar a comer purê a vida toda? (Abraça-o e os dois se lambuzam de purê).

Pai: Eu não impeço nada. Por mim que ele coma o que quiser. Não serei eu que o impedirei de comer o que ele gosta.

Mãe: Mas tu falou que ele está resignado a comer purê a vida toda. Isso é uma condenação.

Pai: (confuso). Para aí, que foi que eu disse?

Mãe: Tu fala e depois não lembra o que diz!

Pai: (de saco cheio). Tá bom! Chega. Para. Se ele gosta de purê, que ele coma purê.

Mãe: Mas poderia comer outra coisa ... O tu vai obrigar a comer só purê a vida toda?

Pai: Eu não o obrigo a nada. Mas se ele quer purê é porque gosta de purê. Que coma o que quiser. Aliás, o purê é nutritivo, gostoso e saboroso...

Mãe: Mas ele não vai passar só com um alimento a vida toda!

Pai: Ele terá tempo de comer outras coisas. É jovem.

Mãe: Tempo ao tempo! Como se o tempo dele fosse igual ao seu tempo.

Pai: Ele está no tempo do purê. Quando terminar o tempo do purê ele poderá comer carne ou frango.

Mãe: E como é que tu sabes que já não terminou o tempo do purê, se tu nunca lhe perguntou?

Pai: Eu nunca lhe pergunto nada. Não me meto com ele.

Mãe: E se o processo do purê durar 30 anos? Vai passar 30 anos comendo purê e tu não vai lhe perguntar nada?

Pai: É A sabedoria da natureza. Quando terminar o processo do purê, ele estará automaticamente preparado para comer peixe, legumes, verduras frescas e cogumelos.

Mãe: Venenosos?

Pai: (confuso). Como? (o guri volta a tossir, cospe purê).



Mãe: Claro, tu quer que de morra de botulismo!

Pai: (Sentenciando). Morrem de botulismo os que podem, não os que

Mãe: Tu é muito filho da puta!

Pai: Tem que deixar que evolua sozinho. A natureza sabe. Cria anticor-
pos (o guri tosse, tem arcadas, se asfixia, a mãe olha-o).

Mãe: (olhando o guri) Se lhe desse pedaços de pêssegos para empurrar?

Pai: Como tu vai misturar purê com pêssego? Tu é louca.

Mãe: E tu? Não mistura carne com purê? (o guri dá mostra de asfixia).

Pai: Não é a mesma coisa.

Mãe: Como que não é a mesma coisa?

Pai: Tu não entende nada. Tu nunca entende nada. Eu como purê quando "que-
ro" purê e como carne quando "quero" carne. (o guri evidencia signos
de asfixia. Tem bolhas de purê que saem pela boca).

Pai: E chega, tu me deixa louco com tudo isso. Chega de uma vez!

Mãe: Não acredito. Tu é um mentiroso! Um hipócrita!

Pai: E tu guri. Qual é a tua opinião?

(a mãe volta a lhe dar purê com a colher. O guri faz uma grande ar-
cada e vomita na mesa. A mãe ajuda-o tomando-o da frente com as
mãos).

Pai: (sai) Que filho da puta! Nojento!

CENA IV - ICO (O CAVALO)



O guri sentado se olhando no espelho. Chega a mãe com um penico e um jogo para fazer bolhas de sabão. Senta-o no penico. O guri brinca e faz bolhas. O quarto todo vai se enchendo de bolhas. Chega o pai.

Pai: (gritando). Algum dia vão proibir de fazer cocô no living das casas. Aqui falta autoridade. Alguém que ponha ordem. (enquanto diz isto tenta romper as bolhas que o guri continua fazendo. O guri vê o pai e começa a pular no penico e a chorar).

Mãe: Ele quer cavalinho (ao pai) o nenê quer cavalinho (a mãe começa a limpar o guri).

Pai: Não, agora não tenho vontade de brincar de cavalinho. Me dói as costas, estou com lombalgia.

Mãe: Tu nunca quer brincar com ele! Sempre tem uma desculpa!

Pai: Tá bom! Mas brinco um pouquinho e nada mais. (vai se colocando em quatro patas). Eu vou te levar com torcida de Lanús. Vão te dar cavalinho na torcida! (O pai fica de quatro pés. A mãe se dirige ao armário e tira umas vísceras de um chicote. Põe as vísceras no pai. Dá o chicote e um boné de jockey ao guri. Lhe alonça uns torrões de açúcar que o guri dá de comer ao pai. Monta sobre o pai. O "cavalo" transita por todo o quarto. O guri chicoteia o "cavalo" corre a maior velocidade. O guri grita "ico", "ico" e da chicotadas pelo corpo todo).

Mãe: (aplaude). Bravo! Mais Ligeiro! Mais ligeiro! (se escutam os lamentos do pai ante as chicotadas do guri. O "cavalo" se detém. O guri continua chicotando e o "cavalo" continua). "Ico, "ico".
O "cavalo" se detém e recebe novas chicotadas.

Pai: Pára, tchê, sério! Pára que dói! Não aguento mais as costas! Tu me racha a cabeça! (o "cavalo" tenta um novo movimento e cai exausto. A mãe corre e tira-lhe as vísceras)

Mãe: Muito bem! Um dia vamos te levar para andar com um cavalinho de verdade! (tira o guri por uma lateral. Fica o pai machucado estendido no meio do cenário. Vai se incorporando lentamente. Está todo desarumado. Olha o aparelho de fazer bolhas. Se ajoelha no chão e faz bolhas).



CENA V - ROLETA

O GURI, VESTIDO DE CROUPIER, JOGA ROLETA COM O PAI. ROLETA E TABULEIRO NO CHÃO. A MÃE FAZ A LIMPEZA.

GURI - (CROUPIER) Não vai mais !

(O PAI COLOCA SUAS ÚLTIMAS FICHAS)

GURI - Não vai mais, senhor. (TIRA-LHE AS FICHAS).

PAI - E pleno no 36 também não?

GURI - Eu disse não vai mais! (RETIRA A FICHA).

(JOGA A BOLA)

Vermelho 14!

MÃE - (LIMPANDO) Meu número preferido!

PAI - Cala a boca, bobalhona!

GURI - (AO PAI) Paga três plenos, uma rua e dois semiplenos.

(O PAI FAZ CÁLCULOS SOBRE UM PAPEL)

GURI - Façam jogo senhores!

MÃE - Joga no 17 que é o aniversário da mamãe.

(CONTINUA LIMPANDO)

(O PAI ENCHE DE FICHAS O TABULEIRO)

MÃE - Não joga tanto, animal! Vai depressa que temos que almoçar dentro de meia hora.

PAI - (ARRUMANDO AS FICHAS E FALANDO COM O CROUPIER)

São cinco plenos no 13 e os demais semiplenos.

GURI - Não vai mais!

MÃE - Jogou no 17? Joga uma ficha! O que custa! Que pão duro!

(APROXIMA-SE DO PAI E PEDE UMA FICHA)

PAI - (TIRA-A COM VIOLÊNCIA) Sái daqui!

MÃE - O que custa? Só uma!

PAI - Tu acha que a grana cai do céu? Te manda!

(OS DOIS BRIGAM)

GURI - Não vai mais!

(A MÃE ROUBA AS FICHAS DO PAI E JOGA NO TABULEIRO)

PAI - Que é que tu tá fazendo? Tá doida? Moço! (AO CROUPIER) Está me roubando as fichas! É uma ladra! (O CROUPIER IGNORA A QUEIXA, A MÃE CONTINUA ROUBANDO E COLOCANDO AS FICHAS)

GURI - Zero! Ganha a banca!

PAI - Sua bisca! Tu me fez perder! Tu sempre me faz o mesmo! Quer me arruinar?

MÃE - Deixa de ser miserável! Olha quantas fichas tu tem!

PAI - Não podes me roubar fichas. Tenho tudo calculado!

GURI - Última bola!

MÃE - Tem razão. Temos que almoçar (DESAPARECE).



- GURI - Façam jogo, senhores!
(O PAI OLHA E ESTUDA DESESPERADAMENTE AS COMBINAÇÕES DE FICHAS O TABULEIRO, SEGUINDO AS INDICAÇÕES DA COMBINAÇÃO).
- MÃE - (ENTRANDO) Que bom seria se tu tivesse ficado no ministério!
Ter que agüentar estas bobagens!
- GURI - Façam jogo, senhores!
(O PAI TERMINA SUA JOGADA DE MESTRE. TEM UM AR SATISFEITO).
- MÃE - (LIMPANDO E OLHANDO O TABULEIRO) Tu jogou no 17?
- PAI - (INSEGURO, OLHANDO O TABULEIRO) No 17?
- MÃE - Põe três plenos no 17. Olha que é a última bola! Tu vai te arrepender! Joga no 17! A data de mamãe!
(O PAI TROCA SEU JOGO. PÕE ALGUMAS FICHAS NO 17)
Bota mais! (O PAI BOTA MAIS FICHAS) Tudo, imbecil! (O PAI DUVIDA) Olha que é a última bola!
(O PAI DESARRUMA TODO SEU JOGO E COMEÇA A POR TUDO NO 17. A MÃE AJUDA-O. ENORME MONTANHA DE FICHAS SOBRE O 17. OS DOIS DEVEM SE JOGAR SOBRE O TABULEIRO PARA POR AS FICHAS).
Tudo ao 17! Tudo! (AO CÉU) Me escuta mamãe! Mamãe!
- GURI - Não vai mais!
(JOGA A BOLA. TENSA EXPECTATIVA. A BOLA CORRE)
Negro 17! (TOM FRIO E DE INDIFERENÇA)
(GRITOS. FESTA. EUFORIA).
- PAI - Acertamos! Que é que eu falei? Meu palpite!
- MÃE - (OLHANDO O CÉU) Mamãe! Tu me escutou, mamãe!
(ABRAÇAM-SE. JOGAM AS FICHAS PELO AR. O CROUPIER-GURI OS OLHA INDIFERENTE).
- PAI - (CORRENDO) Eu sabia que algum dia tinha que dar! Tinha que acabar o azar! Tinha que dar! Merda! Milionários! Mi-lho-ná-rios!
- MÃE - Chega de depender da tua aposentadoria miserável! Por fim ricos!
- PAI - (FAZ SINAIS COM OS DEDOS). Prá merda, o govêrno! O país! Prá merda todas as revoluções! Os sindicatos! Os ministérios! Os aposentados do mundo todo! (OLHANDO PARA O CÉU) Prá merda com Deus!
- MÃE - Por fim vou sair de férias. Vou comprar roupas e jogar fora esta merda! (RASGA-SE AS ROUPAS) Tira a tua também, velho!
(RASGA A CAMISA DO PAI).
- PAI - (JOGANDO AS FICHAS CONTRA A PAREDE) Agora quero ver os parentes rirem dos meus jogos! Podem rir, seus filhos da puta!
- MÃE - Por fim tu vai levantar a cabeça! Vais ser um homem de verdade!
- PAI - Acabou o azar! Acabou! Fim! Eu tinha razão em deixar o trabalho!
(GRITA PELAS JANELAS, AOS VIZINHOS. CORRE PELO QUARTO) Filhos da puta! Deu prá vocês! Vão se foder!
- MÃE - Carro! Vamos comprar carro!
(O CROUPIER CONTINUA IMÓVEL).



- MÃE - (SE APROXIMA DA JANELA) Morram de inveja, mortos de fome! Vejosos! Vamos comprar dois fuscas, dois! (FAZ SINAIS COM OS DEDOS PRÁ FORA).
(BAILAM OS DOIS COM A ROUPA BASSADA. TOCA O TELEFONE E O GURI DIRIGE-SE AO DESPERTADOR, COMO SE O SOM VIESSE DALI. DESLIGA-O. CONTINUA PROCURANDO O SOM POR TODOS OS LADOS. OS PAIS CONTINUAM BAILANDO. O GURI ABRE AS GAVETAS BUSCANDO O SOM TELEFÔNICO QUE CONTINUA TOCANDO. ABRE ARMÁRIOS, CAIXAS).
- PAI - Corta essa campanha!
- MÃE - Devem ser os vizinhos! Não abre!
- PAI - Continuem tocando, invejosos! De certo vem pedir grana (SINAIS COM OS DEDOS) Aqui que eu vou dar! Aqui, oh!
- MÃE - Vão morrer de fome! Como ratos! Miseráveis!
(O TELEFONE TOCA CADA VEZ MAIS FORTE. NÃO SE ESCUTA O QUE FALAM. O GURI DEIXA DE PROCURAR. DÁ-SE POR VENCIDO. OS PAIS TAPAM OS OUIDOS. O GURI APROXIMA-SE DO ESPELHO. TIRA A ROUPA DE CROUPIER E PENDURA-A).
- PAI - (AO GURI) Não, agora não! Espera um pouco! Ainda não! Pára!
(OS PAIS PARAM DE BAILAR POUCO A POUCO. O TELEFONE PÁRA DE TOCAR. OS PAIS SE OLHAM. O GURI, DEPOIS DE DEIXAR A ROUPA NO ARMÁRIO, VAI FICANDO NÔ. A MÃE OLHA PARA O GURI. O PAI COMEÇA LENTAMENTE A BUSCAR AS FICHAS NO CHÃO. ORDENA TUDO MINUCIOSAMENTE. A ROLETA. O TABULEIRO. AS FICHAS. A MÃE APROXIMA-SE DO ARMÁRIO PRÁ SE VESTIR DE PROSTITUTA. O PAI CONTINUA ARRUMANDO. A MÃE VESTE-SE RÁPIDO. SALTO ALTO. PINTA-SE. O GURI ESTÁ NÔ. A "PROSTITUTA" ARRASTA O GURI PRÁ CAMA E COMEÇA A SEDUZÍ-LO. O PAI ORDENA TUDO. TRAZ UMA VASSOURA, UMA PÁ E LIMPA O QUARTO. O GURI E A "PROSTITUTA" SUBMERGEM-SE NA CAMA).
- PAI - (LIMPANDO) O que é que custava esperar um pouquinho? Esse maldito vício de te olhar sempre no espelho. (OLHA O ESPELHO) Deixa ver qual é o atrativo do espelhinho (OLHA-SE) Deixa ver.
- MÃE - É a primeira vez, Vem. Não fica nervoso.
- PAI - A única coisa que tu faz é passar o dia te olhando no espelho!
- MÃE - Com quem foi a primeira vez?
- PAI - (CONTINUA A SE OLHAR NO ESPELHO) Tu parece um mericão que fica o dia todo parado na frente do armário.
- MÃE - Claro que tu pode. Olha como tu tá! Comigo todos podem! (RI) Que é? Me chamando de senhora?
- PAI - No meu tempo nos olhávamos no espelho para nos pentear quando íamos pro batente, e a gente se penteava bem ligeiro, quase sem olhar.
(NA CAMA HÁ GEMIDOS)



- MÃE - É? Fodias ou não? Tu adora que te fale, né? Todos gostam de um papo. Ei louco! O que é que tu tá fazendo? Quer me machucar?
- PAI - Um dia vou quebrá-lo em pedaços! Assim tu não te olha nunca mais! Bicha de merda! É incrível!
- MÃE - Tá vendo? É questão de manha.
(O PAI CONTINUA SE OLHANDO NO ESPELHO)
- PAI - Assim se mexe! Como uma garotinha! Tu nunca vai ser homem! Tu põe a roupa da mamãe. (ABRE A GAVETA) Olha as gavetas cheias de soutiens. De calcinhas. Que nojento. Toda roupa de mulher! Que nôjo!
- MÃE - Tá gostando tesourinho? Mas não me chama de senhora.
- PAI - Se não fosse esse espelho presente de casamento, juro que eu o faria em pedaços!
- MÃE - Tá bom, diz o que tu quizer, guri. Ei, bruto! Tu me machuca! Por que tu fecha os olhos? Não me gosta? Sou velha? Poderia ser tua mãe. Gosta do meu corpo? Toca a minha pele. Viu que linda? São todos iguais. Pagam para que a gente se deixe dizer qualquer coisa. Não fecha os olhos! Olha pré mim. Não me gosta? O que? Sou velha? As vezes me faço garotinha de 11 anos, outras vezes de 15, ou uma velha de 60! Aqui tem pré todos os gostos! Ei bruto! Não me machuca! Olha! De-va-ga-ri-nho! Que eu não sou de borracha!
- PAI - Eu vou te dar peruquinhas, bicha! Desgraçado! Degenerado!
- MÃE - Aqui a gente os conhece tal como eles são! Passam o dia sonhando com marinheiros, mas nunca vão baixar as calças! Bruto! Não arranha! Cuidado! Besta! Animal!
- PAI - Um dia vou te levar no futebol! Ali vão te ensinar a ser macho! Tu vai ser homem na marra! Juro!
- MÃE - Guri, depressa que ainda tenho que trabalhar! Tu acha que tu é o único? Vamos, que hoje tenho muito trabalho! Não, guri! Ali não! For aí não! Não te agrado? Sou velha? Que é? Tenho rugas? Depressa! Vamos! (RUIDO)
- PAI - Na galera de Lanus vão te ensinar muitas coisas. Vou te levar vestido de macho. Não de merica! Quando eu ia ver o melhor centro-avante do mundo, Arrieta, caralho! Arrieta coração! Esse jogava! Essas eram épocas de jogadores machos. Guidi, Pedernera, Severino Varela. Esses sim eram machos. Machos eram os de antigamente. Agora parecem mulheres. Jogam todos com cabelo de mulher! Tu tem que ver! Alonso, Bartino Vieyra! Bambino! Como tu quer jogar futebol com este nome de mulher! Bambino. (RUIDO DE GEMIDOS. ORGASMO)
Bambino! (RI) Nome de mina. (OLHA-SE NO ESPELHO EM SILÊNCIO)
Se não fosse por este espelho de merda... (FINGE QUE O QUEBRA)

Dizem que dá azar, se não tu não ia poder te olhar
Me saiu um filho veado!... Saiu um filinho de mamãe!..



CENA VI - O ARRANQUE

O GURI, SENTADO NO CHÃO, RINDO. DE REPENTE E ELÈTRICAMENTE FICA EM PÉ E RASGA UMA BANDEIRA DE LANUS QUE ESTÁ PENDURADA NO ARMÁRIO.

CENA VII - TARZAN NA SELVA

O GURI ATRAVESSA O QUARTO PENDURADO DE UMA CORDA OU DUAS (TIPO TARZAN), SOLTANDO GRITOS GUTURAIS E PRIMITIVOS.

CENA VIII - INVAZÃO

OS TRÊS ALMOÇANDO. BATEM NA PORTA BRUSCAMENTE. NINGUÉM RESPONDE. CONTINUAM COMO SE NÃO ESCUTASSEM. AS BATIDAS AUMENTAM. O PAI JOGA COM UMA ROLETA PEQUENINHA NA MESA. O GURI QUASE NÃO COME. TEM UM ENORME PRATO DE PURÊ.

PAI - Deu três vezes a primeira dúzia, (PRÁ MÃE) o que tu acha?

MÃE - Come, infeliz, vai esfriar. Não dá prá deixar de jogar nem quando está comendo? (O PAI JOGA A BOLA. MÃE E PAI OBSERVAM O NÚMERO. SAI UM NÚMERO. O PAI RETIRA RAPIDAMENTE A BOLA DA MESA). Tu perdeu! Deu segunda dúzia! Tu acha que eu não vi?

PAI - Foi um tiro de prova. Não vale.

MÃE - Que tiro de prova, que nada! Acontece que tu não gosta de perder! Não te agüento mais metido aqui dentro! Não "güento" mais o barulho dessa bola! Vai me explodir a cabeça! (VOLTAM AS BATIDAS, AGORA COM MAIS FORÇA) Nas três vezes que tu foi no Cassino perdemos toda a poupança!

PAI - Não estava preparado. Agora aprendi mais 20 jogadas!

MÃE - (AO GURI) O que é que tu tem? Não gostou do purê? Tu sabe quanto sai o quilo de batata? (O GURI OLHANDO PRO VAZIO) Esse aqui que não fala! O barulho da bola! Um dia desses vão me levar prum hospício.

(CONTINUAM BATENDO À PORTA. SEGUEM DISCUTINDO. A PORTA É ABERTA AOS GOLPES. UMA DAS PARTES DA PORTA CÁI E ENTRAM POR ELA BETO E ZÉ ARMADOS DE METRALHADORAS. ZÉ COLLOCA A PORTA QUEBRADA PARA EVITAR VIZINHOS CURIOSOS).

BETO - Todos prá cima, contra a parede. (NINGUÉM SE MEXE. OLHAM-NOS COM INTERESSE). Vocês não abrem a porta? São Loucos?

ZÉ - (AO GURI) E tu não te faz de bobo que te quebro a cera. (AGARRA-O E JOGA-O CONTRA A PAREDE) Fala! Por que não abriram a porta? Vamos! (BETO SE ENCARREGA DO PAI A QUEM EMPURRA E COMEÇA A REVISTAR).



- MÃE - (AO ZÉ) Não toque no guri porque vamos todos prá delegacia!;
- ZÉ - (SEGURANDO O GURI PELO CABELO) Quem escondeu?
- PAI - (AO BETO) Dá licença, senhor. Tá me machucando!
- ZÉ - (AO GURI) E tu, cortaram tua língua? Fala o que te convém, imbecil. Não te fragou que a coisa tá preta?
(A MÃE APROXIMA-SE DO ZÉ E ESTE JOGA-A NO CHÃO DE UM GOLPE).
- PAI - Eu sou aposentado, senhor. Tenho todos os papéis em dia. Quer ver?
- ZÉ - Não te faz de bobo porque com uma cacetada te quebro todos os dentes. Brincadeira não, heim?
- BETO - (AO ZÉ) Revista lá dentro!; Vê se tem alguém. (ZÉ SAI. AO PAI) Isto aqui é um esconderijo, não é?
- PAI - O que?
- BETO - (DÁ-LHE UMA BOFETADA) Um es-con-de-ri-jo. Escutou agora? Daqui a gente não sei até vocês falarem! (AO GURI) E tu, os ratinhos te cortaram a língua?
- MÃE - (SAI GRITANDO. PELOS RUIDOS QUE FAZ ZÉ, AO REVISAR A CASA) Tá me quebrando a casa! Escuta, tá louco?
- BETO - (O GURI E O PAI SENTADOS EM SUAS CADEIRAS E BETO SENTA NA FRENTE) Escutem, bobinhos, é melhor que falem rápido e digam tudo o que vocês têm escondido. Rápido que tenho muito trabalho! (AO GURI) Qual o nome de todos teus amigos. Nome e sobrenome de todos!
- PAI - Ele não tem amigos!
- BETO - Tu não tens amiguinhos? E na escola de surdo-mudos, também não?
- PAI - (AO GURI) Viu! O senhor pensa que deverias ter amigos!
(A BETO) Eu, na idade dele tinha a barra do bar. Mas ele não tem nenhum amigo.
- BETO - Ah, é? E depois veio chapeuzinho vermelho, o lobo feroz, branca de neve e os sete anões. Por que tu não conta uma das mil e uma noites? Vamos guri (DÁ-LHE UMA BOFETADA).
- PAI - Bem feito! Pode bater. Assim ele se faz homem! Eu quero que ele se faça homem de uma vez. (BETO CONTINUA BATENDO) Saiu um marica! Eu quero levá-lo pro futebol prá ver se ele se faz homem!
- BETO - (EMPURRA O GURI, QUE CAI NO CHÃO) Tu vai me dizer o nome dos teus amiguinhos, ou não? (O GURI NÃO REAGE. O PAI SE COLOCA DO LADO DO BETO)
- PAI - Eu me fiz homem assim. (AO GURI) Viu como a vida é dura? Eu te dizia! Na galera de Lanús isto acontece todos os domingos. (A BETO) Eu sou fã de Lanús! Fanático!
- BETO - (ENFURECIDO PELA IMOBILIDADE E SILÊNCIO DO GURI) Olha, tu vai passar mal!



- PAI - (ENTUSIASMADO) Um dia um cara de Banfield gritou deles no meio da nossa torcida. O jogamos pré baixo. O pegamos, em muitos. Eu peguei as pernas (SEGURA O GURI DAS PERNAS). Assim, oh. (A BETO) Segure da outra perna. Tínhamos o coitado agarrado das duas pernas. Olha que idéia! Gritar um gol no meio da nossa torcida! Você sabe a fama que tem a torcida de Lanús?
- BETO - (CONFUSO) É. Mais ou menos.
- PAI - Pegamos ele pelos braços! Segure-o pelos braços (BETO PEGA OS BRAÇOS E O PAI AS PERNAS) E o embalamos de um lado para outro (O EMBALAM ENTRE OS DOIS).
- BETO - (AO GURI) Vamos te quebrar todo!
- PAI - (SEM SCLTAR O GURI) A torcida de Lanús é como uma família. Quem se mete e não é de Lanús, morre! (AO GURI) Como este bobalhão! (A BETO) Segure mais forte ele que pode escapar. (O GURI TENTA SE SAFAR) Eu o tinha no pescoço e lhe dizia (AGARRA O GURI PELO PESCOÇO): Diz filho da puta, por que tu não vai gritar gol no rabo da tua mãe?...E eu chutava a bunda dele assim, oh. (CHUTA-O) Dei uns vinte pontapés nele! (BATE) Eu batia de ponta! Tu nunca mais vai gritar gol!
- BETO - (AO GURI) Dando uma de herói, hein? Mas que filhinho cerinho!
- PAI - A nossa torcida gritava: Filho da puta! Filho da puta! (CHUTAM-NO)
- BETO - Filho da puta! Filho da puta! (OS DOIS EM CÔRDO)
- PAI - (SEGURA-O NO PESCOÇO) Eu o agarrei no pescoço e comecei a torcê-lo. A língua saía pré fora, assim, oh! (BETO OLHA)
- BETO - Se não fosse pelo teu velho eu estourava teu saco. Tu tem sorte. Vai falar ou não?
- PAI - Provocando, hein? Pediu, vai levar! Nós jogando em casa e tu vem gritar um gol aqui! Por que tu não dá uma de machinho agora? Vai! (A BETO) O jogo continuava, e nós páu e páu nele! Eu no pescoço e meu amigo lhe dava pontapés no estômago (BETO BATE NO ESTÔMAGO COM O PUNHO). O que? Com as mãos, não! Eu batia com o joelho!
- BETO - Desculpe! (BATE COM O JOELHO).
- PAI - (RI) Ele tinha dentadura postiça e caiu. Eu peguei e a joguei no meio da rua! O pinta ficou sem dentadura! Parecia um velho de 80 anos! Então eu o peguei e lhe disse: (AGARRA-O) Grita viva Lanús ou eu te mato! Vamos! Grita!
- BETO - Canta, guri, ou tu vai passar mal!



- PAI - Grita, ou te jogamos prá baixo!
- BETO - Canta!
- PAI - Grita, ou te mato!
(OS DOIS BATEM NELE)
Vamos, grita!
- BETO - Estou perdendo a paciência. Vamos, grita!
- PAI - Mas o puto não gritava. Então puxei o canivete (TIRA UM CANIVETE) e fiz um talho na frente dele (FAZ-LHE UM CORTE).
- BETO - Ei! Pô, pára! Não quero problemas!
- PAI - Me deixa, me deixa. (BETO TENTA SEGURÁ-LO) Assim ele aprende pro resto da vida! Deixa! (BETO AGARRA-O)
- BETO - Pára, velho, que depois a bronca é com a gente. (O PAI CONTINUA CORTANDO-O) Não tá vendo que desmaiou? Vai matá-lo! Lhe cortou a cara toda! Está louco!
- PAI - (PERDENDO O CONTROLE) Então eu lhe fiz vários talhinhos. Um na bochecha, outro na barriguinha.
- BETO - (BETO TIRA-LHE O CANIVETE) Basta! Você enlouqueceu! Quer fazer o que? Olhe como o deixou!
- PAI - (COMO SE ESTIVESSE COMO CANIVETE) O enchi de talhos!
(SE JOGA EM CIMA DO GURI. BETO TENTA TIRÁ-LO, MAS O PAI ENFURECIDO JOGA-SE EM CIMA NOVAMENTE. BETO O AGARRA E SEPARA-O. O PAI CAI).
- BETO - Um pouco, tá legal! Mas você exagerou! Olha a cara dele como ficou!
- PAI - (PESCE A PARECE) Tu não volta a gritar gol na nossa torcida! Juro pela minha mãe que dessa aqui tu não esquece! (FAZ CRUZES)
- BETO - (AO GURI) Como te deixou! Coitado! E depois falam de nós! Mas se der ralo eu conto que foi você! (AO GURI) Que é paixão que tu tem, hein! Vamos, guri! Já passou! A responsável deve ser a tua velha, né? Tu é um bom guri. É a tua mãe que sabe os nomes, né? Diz que é a velha e eu não te encho mais. (O GURI ESTÁ DESMAIADO).
- PAI - (DESDE A PAREDE) Lanús, Lanús! (EM ATITUDE DE PERPLEXIDADE).
- BETO - Eu tinha certeza que tu não tinha nada a ver! Foi a tua velha que te meteu nisto, né? Teu velho é um bom cara! Ele quer que tu saia um homem! Tu também tem que tentar compreendê-lo!
- PAI - ~~Le~~-nús! Arrieta! Caralho!
- BETO - Ele ama seu time. Lanús é como uma família, tu entende, guri? Ele ama seu clube como ama a pátria! É por isso que ele fica assim! É como quando jogamos futebol com os uruguaios! É um jogo amistoso, mas, no fundo, é uma questão de pátria. O futebol foi sempre assim. Tem que compreender o velho. Cada



final com os uruguaios parece que a gente vai entrar em guerra. É a patria! São as cores nacionais! Caxias, sei lá! Tu tem que entender! (O GURI DESMAIADO, APENAS REAGE) Mas depois do jogo a gente esquece! Nós somos assim! Teu velho te quer bem, guri, eu o entendo! Tu teria gostado de ter um velho tão apaixonado! Ele quer te ver um homem e tem razão, os homens se fazem a golpes! Mas, no fundo, ele te quer bem. (AO PAI) Por que não se dão um abraço e param de encher o saco, hein? Vamos, velho! Afinal de contas, Banfield é um clube argentino, a gente não vai se matar! O que vocês querem? Que a família se divida por um jogo de merda? Vem cá velho! Abraça-o forte que é seu filho! É a sua família! Se você não defende a sua família, quem é que vai defendê-la? A família e a pátria, porra! (O PAI SE APROXIMA E ABRAÇA-SE COM O GURI) Assim! Muito bem! Puta merda, que lindo é ver a família unida! (AO GURI) A fodida é a velha, né? Foi ela que meteu vocês nisso? Me diz que foi ela e deu. Não te encho mais o saco! Levamos ela e deixamos vocês tranquilos e aqui não aconteceu nada e tchau!

- PAI - Claro que não aconteceu nada! Faz tempo que não nos damos um abraço! Tinha que vir alguém de fora para a gente se dar um abraço.
- BETO - A velha meteu vocês nisso, né?
- PAI - Viu como os homens se fazem a golpes? Tinha razão ou não? Tu escutou o que o senhor disse? Tu ouviu bem ou não? (O GURI NÃO ENTENDE NADA).
- BETO - Olha velho! Não se façam de bobos! Quando que a velha meteu vocês nisso? Se me dão o caderno da velha, os deixo tranquilos. (AO PAI) Chega de belinar o guri, que vai sair merica! Um abraço de homens, tudo bem, mas tanto arreto vai lhe fazer mal! (ZÉ APARECE COM A MÃE. DURANTE TODA A CENA ANTERIOR DEVERÃO SE ESCUTAR RUIBOS PRODUZIDOS PELOS DESTROÇOS DE ZÉ) (A ZÉ) Encontrou alguma coisa?
- ZÉ - Não tem nada.
- MÃE - Vai ter que arrumar tudo o que quebrou lá em cima. Desmanchou a marteladas o armariozinho que me deixou mamãe! (QUASE CHORANDO).
- BETO - Revista esse armário!
- MÃE - (AO GURI) O que eles fizeram contigo? Brutos! Nenê, o que que eles fizeram?
- PAI - Deixa ele. Está se fazendo homem! Estive lhe dando uns conselhos com o senhor.



- BETO - Dá uma olhada nas gavetas prá ver se encontramos a teta da velha. (ZÉ REVISTA. O ESPELHO APARECE EM CENA).
- MÃE - Tá com fome! Claro, tu não comeu o purê. Vem. Vem com a mãezinha que depois eu te faço purê. (EMPURRA-O PRA CAMA) Tens que comer mais. Na tua idade tens que comer porque os ossos estão se esticando! Assim tu não vai crescer grande e forte como o vovô. (DÁ-LHE DE MAMAR).
(ZÉ FICA SE OLHANDO NO ESPELHO)
- BETO - He he! Tá lhe danto a teta!
- MÃE - (A BETO) Bem que gostaria.
- BETO - (AO PAI) Sempre lhe dá a teta quando tem fome?
- PAI - E quem lhe falou que tá com fome?
- BETO - Não tem fome?
- PAI - O filh da puta finge que tá com fome prá que ela lhe dê a teta. Ele já comeu o purê de manhã.
- BETO - E pra você ela não dá a teta?
- PAI - Eh! Que tá pensando? na minha idade vou tomar teta? Tá pensando que eu sou o quê?
- BETO - E depois falam de nós!
(ZÉ DESCOBRIU UMA PERUCA E A EXPERIMENTA OLHANDO-SE NO ESPELHO).
- BETO - E essa peruca? Não te falei que é um esconderijo?
- ZÉ - (EXPERIMENTANDO OUTRA) Tem de todas as cores!
- BETO - (CORRENDO PRO ARMÁRIO) Então é aqui que se disfarçam? E saem vestidos de mulher?! Eu sabia que a velha tinha a ver com tudo isto! Olha só! (MOSTRANDO AS PERUCAS) A velha é especialista em perucas!
- ZÉ - (OLHANDO-SE COM UMA PERUCA LOIRA NO ESPELHO)
Como sou parecido com mamãe!
- BETO - Deixa ver. (ZÉ OLHA PRA BETO) Bah! Tem razão! Dá uma prá mim. (BETO SE PDE UMA PERUCA PRETA. ABRE GAVETAS E TIRA GRANDE QUANTIDADE DE ROUPAS ÍNTIMAS DE MULHER. SOUTIENS, CALCINHAS, COLARES, BLUSAS) Olha que arsenal! Como que tu vai pegar esses cares? (HÁ UM CLIMA DE CERTO RITUAL QUANDO FICAM FRENTE AO ESPELHO) Claro, eles botam roupa de mulher e tchau. Vai reconhecer eles depois... (a ZÉ) Me alcança a loira... (OLHA-A TÉCNICAMENTE E COLOCANDO-A E DÁ A PRETA PRA ZÉ) Vai pegar eles depois... Como tu iria imaginar... (NA MEDIDA QUE VÃO TOMANDO CONTATO COM A ROUPA FEMININA, SE PRODUZ UMA CERTA METAMORFOSE FEITICHISTA) Pára. Me dá essa blusa... Deixa ver... (DISFARÇANDO TIRA A JAQUETA E PDE A BLUSA) Velha filha da puta! Ainda bem que a gente tem experiência, se não... me alcança esse colar... (A ZÉ) Parece



bom. (COLCOA-O) (A ZÉ) Não, bobalhão! Com essa blusa que usar peruca preta! (OFERECE-A) (VÃO TROCANDO PERUCAS, BLUSAS E COLARES DE TODO TIPO. ESTÃO "TOMADOS" PELA EXPERIÊNCIA. PROVAM A ROUPA E OLHAM-SE PERMANENTEMENTE NO ESPELHO, QUE FUNCIONA COMO FENÔMENO HIPNÓTICO). (ENTÃO O PAI VOLTA A SUAS COMBINAÇÕES. SENTA-SE A MESA E COMEÇA A JOGAR ROLETA, IGNORANDO O RESTO. A MÃE CONTINUA AMAMENTANDO O GURI E O FAZ ARROTAR. O CLIMA ONÍRICO ESTÁ DADO PELO JOGO FANTÁSTICO DE ZÉ E BETO, A AMAMENTAÇÃO E A ROLETA. A MAGIA FLUTUA POR TODOS OS CANTOS. SILENCIO ABSOLUTO. BOLA DE ROLETA QUE ROLA).

BETO - (VESTIDO TOTALMENTE DE MULHER E OBSERVANDO A ROLETA)
Que é isso! (ZÉ FICA NO ESPELHO).

PAI - Uma roletinha.

BETO - O que! São números clave? Não vai dar uma de vivo! (APROXIMA-SE PAIS) Gosta de jogo, heim?

PAI - Não. Eu jogo por prazer. Estudo o dia todo... com este livrinho aqui vou estourar a banca em dezembro.

BETO - Trabalha em que? Não entendo...

PAI - Eu não trabalho mais... agora me dedico a isto... o salário não dava nem prá comer... então me aposentei... e descobri esta maravilha... primeiro joguei na loteria, mas me dei conta que depende da sorte... um roubo... agora, isso aqui a gente estuda e tem a certeza de ganhar... é científico! Claro... tem que estudar o dia todo... tem que se dedicar muito... eu não faço outra coisa... pau e pau o dia todo. Mas tem suas compensações! Com isto penso ganhar um bi por dia em Mar Del Plata!

BETO - Quanto? (INTERESSADO).

PAI - É o que escutou. Um milhão de cruzeirinhos, heim? Por dia... Jogo tres meses e tchau... me retiro...

BETO - Oh Zé, vem cá... (ZÉ VEM DISFARÇADO DE MULHER) Ele diz que tem uma combinação de jogos para ganhar um bi por dia na roleta. (ZÉ APROXIMA-SE)

PAI - A merda é que eu tô sozinho... porque se fôssemos vários e jogando um em cada mesa... sai da frente... estourávamos tudo! Já o fizeram uma vez... lembra-se? Faz uns anos em Mar Del Plata... diziam que a roleta estava inclinada... sei lá... mas levantaram a grana... 500 milhões... esse sapo tiveram que engolir (RI) Coitadinhos! (ZÉ E BETO FICAM SE OLHANDO. PAUSA) Não querem experimentar uns tirinhos?... Entre os três poderíamos fazer uma vaca... e dá prá fazer uma boa diferença por dia...



- BETO - (ANSIOSO) Quanto por dia? Quanto?
- PAI - (OLHANDO AS ANOTAÇÕES) É mais ou menos... jogando... 6 horas... e tranquilos... sem desesperar... (ZÉ E BETO MUITO ANSIOSOS. PAI ANOTA)
- ZÉ - Quanto? Quanto?
- BETO - Fica quieto... tu não vê que ele tá estudando?... (SILÊNCIO)
- PAI - (FAZENDO CÁLCULOS) Facilmente ficaria um milhão e meio prá cada um...
- BETO - (GRITANDO) Tá ótimo!
- ZÉ - Do cerealho! (RI NERVOSAMENTE)
(A MÃE DEIXOU DE AMAMENTAR O GURI. ELE FICA NA CAMA ARROTANDO).
- PAI - Tá a fim de experimentar uns tirinhos?
(O PAI ACOMODA A ROLETA. DISTRIBUI FICHAS E AS REPARTE ENTRE OS TRES. É O DOMINADOR DA CENA. COLOCA O PANO. BETO E ZÉ OBSERVAM-NO UNISSONO, SECUNDANDO-O COM GRANDE RESPEITO COMO FRENTE A UM MESTRE. TUDO SE FAZ COM CLIMA DE GRANDE SERIEDADE E RESPEITO. O GURI VAI ATÉ O ARMÁRIO E COMEÇA A VESTIR-SE DE CROUPIER).
- MÃE - Não querem comer alguma coisa?
- BETO - Não senhora. Muito obrigado.
- ZÉ - Eu comeria, sim.
- BETO - (A ZÉ) Pô, Zé... que é isso?
- ZÉ - Eu tô com fome!
- MÃE - Tenho uns bifés à milanesa que ficaram da janta de ontem. Eu preparo uns sanduiches enquanto vocês jogam.
- BETO - Eu comeria um sanduiche!
- ZÉ - Eu também!
- PAI - Faz um prá mim também, velha!
(A MÃE SAI. CONTINUAM ARRUMANDO A MESA PARA O JOGO. TOCA O TELEFONE. NINGUÉM ATENDE. O GURI TERMINA DE SE VESTIR E APROXIMA-SE DA MESA. BETO CUTUCA A ZÉ E OBSERVAM-SE SUA ESTRANHESA. A MÃE ALCANÇA-LHES OS SANDUICHES NA MESA. BETO E ZÉ CONTINUAM VESTIDOS DE MULHER. PARA DE TOCAR O TELEFONE.)
- MÃE - Um copinho de vinho?
- BETO - Não, obrigado senhora. A gente não bebe em serviço.
(A MÃE COMEÇA A ARRUMAR O QUARTO. O GURI APODERA-SE DA BANCA E AGORA É UM CROUPIER PERFEITO. MANEJA AS FICHAS PROFISIONALMENTE)
- GURI - (CROUPIER) Façam jogo senhores!
(OS TRES JOGAM. BETO E ZÉ FAZEM ANOTAÇÕES POR INDICAÇÃO DO PAI)
Não vai mais! Essas fichas (A BETO) são plenos no 9?



- BETO - (AO CROUPIER) Cinco plenos no 9! Não tá vendo?
- PAI - (A BETO) Cinco plenos ao 9.
- BETO - (AO CROUPIER) Cinco plenos ao 9! Não tá vendo? É cego?
(ZÉ COME UM SANDUICHE E ORDENA SUAS FICHAS)
- MÃE - Joguem no 17 senão depois vão se arrepender! (LIMPANDO)
- GURI - Não vai mais! (COLOCA A PÁ) Negro no 10!
- BETO e ZÉ - Acertamos! (ABRAÇAM-SE GROSSEIRAMENTE. O PAI ACALMA-OS. VOLTA A TOMAR O PAPEL DE DIRETOR DO JOGO E INDICA-LHES AS PRÓXIMAS JOGADAS. REPETEM-SE DUAS BOLAS. A MÃE ESTÁ LIMPANDO, MAS APROXIMA-SE PRA VER QUAL É O NÚMERO QUE SAI, CADA VEZ QUE O CROUPIER JOGA A BOLA. LOGO RETIRA-SE DESESPERANÇADA. TOCA A CAMPAINHA DO RÁDIO (CHAMADO DE BETO). BETO LEVANTA-SE SOBRESALTADO. ZÉ ACOMPANHA-O. NENHUM DOS OUTROS TRES PERSONAGENS IMUTA-SE)
- GURI - Façam jogo, senhores!
(A MÃE TIRA ALGUMAS FICHAS DE BETO E ZÉ E JOGA-AS NO 17. BETO E ZÉ BUSCAM DESESPERADAMENTE O RÁDIO-CHAMADO, QUE, NUM PRIMEIRO MOMENTO, NÃO ENCONTRAM. BETO ENCONTRA O RÁDIO).
- GURI - Zero! Ganha a banca!
- BETO - (RESPONDENDO O RÁDIO) Sim, senhor. Perfeito, senhor. Compreendido, senhor. (A ZÉ) Vão embora!
- GURI - Façam jogo senhores! Última bola!
- BETO - (A ZÉ) Pena que temos que ir embora já, se não tu ies ver como arreventávamos eles...
- ZÉ - Vou te dar roleta! Filho da puta!
- BETO - (AO GURI) Da próxima vez vou te fazer cantar o hino, e com estrofes! Vou te enfiar as tuas combinações no cu! Prá cima de mim com combinações de roleta! (VÃO TIRANDO A ROUPA DE DISFARCE).
- ZÉ - (À VELHA) E tu, nojenta, achou que íamos arrumar com dois sanduiches de milanesa? Vaca nojenta!
- BETO - Vocês vão ver quando a gente voltar! Vocês vão ver! (SAEM)
- GURI - Negro o 12!
- PAI - Acertei outra vez!
- MÃE - Vamos, vai depressa, que temos que dar banho no guri, vamos!
(A MÃE CONTINUA LIMPANDO. O PAI ARRUMA LENTAMENTE A ROLETA. GUARDA AS FICHAS COM CUIDADO. O GURI OLHA-SE NO ESPELHO. TIRA A ROUPA DE CROUPIER. VOLTA A FAZER JOGOS NO ESPELHO. APARECE, DESAPARECE, ETC. O PAI ARRUMA A ROLETA E DESAPARECE. A MÃE TERMINA DE ORDENAR. PASSA PELO ESPELHO E PROVA-SE UMA PERUCA COMO PRÁ COMEÇAR A VESTIR-SE DE PUTA. BLACK-OUT)



CENA IX - ANIVERSÁRIO

A MÃE TRAZ O GURI VESTIDO DE MARINHEIRO. APARECE O PAI COM UM PRATO E UMA TORTA DE ANIVERSÁRIO COM VELINHAS. A MÃE ACENDE-AS UMA POR UMA. ESTÃO CONTENTES. O GURI INDIFERENTE.

PAI - (CONTA-AS) 1, 2, 3, (ETC)... 17!

MÃE - Apaga as velinhas! Vamos!

PAI - (AO GURI) Tu apaga uma... eu uma... uma a mamãe... Vamos! (GURI, INDIFERENTE).

MÃE - Parabens a você! (PÁRA) Parabens a você!

PAI - E vai! Apaga, bonalhão! Assopra. (AO GURI) Tu não sabe assoprar agora?

MÃE - Assim, oh! (ASSOPRA. ENSINA-LHE. APAGA AS VELAS)

PAI - Que é que tu tá fazendo? (ACENDE-as DE NOVO) Ele que sopra! O aniversário é dele!... E vai, assopra, imbecil!

MÃE - Se assopra assim, oh! (SOPRA).

PAI - (SOPRA) Vamos! (PAI E MÃE SOPRAM. O PAI, VIOLENTAMENTE, LHE PDE A CARA DO LADO DA TORTA PARA QUE SOPRE. A TORTA TOCA-LHE A CARA. O GURI SE ENCHE DE CREME).

MÃE - Que é que tu tá fazendo? Vai lhe sujar o traje!

PAI - (AO GURI) Nem soprar tu sabe! Se tu não assoprar, juro que te faço engolir a torta! (SOLTA-O)

MÃE - (AO GURI) E vai, neném, assopra! Assopra, neném! Que é que custa? Coitadinho do papai! Fez a torta e tu não assopra as velinhas!

PAI - (À MÃE) Porra! Não "tamos" lhe pedindo que diga versos! Que assopre, só!

MÃE - (AO GURI) Assopra, neném! Assopra!

PAI - (SEGURA-O PELO CANGOTE) Vai assoprar, ou não?

MÃE - Deixa ele sòzinho! (AO GURI) Mostra pro pai que tu pode sòzinho.

PAI - (SOLTA-O) Quero ver... assopra!

MÃE - Mostra pro papai!

(SILÊNCIO)

(O GURI COSPE A TORTA)

PAI - Olha que filho da puta! Me cusiu na torta! (BATE NELE).

MÃE - Não sabe assoprar!

PAI - Quer foder a festa! Olha o catarro que soltou! Que nojento! Pôrra!

(O GURI ASSOPRA E APAGA UMA)

MÃE - Assoprou! Assoprou! Viu? (AO PAI) Muito bem!



- PAI - (OLHA A TORTA) É um catarro! Eu não como esta torto! (O GURI, ENTRE SOPROS, CUSPIDAS E GENIDOS, TENTA ASSOFRAR).
- MÃE - Muito bem! (AO PAI) Assoprou! Assoprou! Entre os três! Vamos!
(O GURI COSPE. O PAI E A MÃE ASSOFRAM E APAGAM AS VELAS).
- MÃE - Feliz aniversário! (FAZ SINAIS AO PAI, ENTUSIASMADA).
- PAI - Feliz aniversário! (LHE PÕE A MÃO NO OMBRO).
(OS DOIS BEIJAM-NO. O GURI INDIFERENTE).
- PAI - (A MÃE) Me estragou a torta! (SAI).
(A MÃE SENTA O GURI E SENTA DO LADO NA MESA).
- MÃE - (CORTA UM PEDAÇO DE TORTA E DÁ PARA O GURI NA BOCA. ELE COME EM PARTE) Come neném. Come! É a torta de aniversário!.
Vamos, sê bonzinho! Come!
- PAI - (DESDE DENTRO) O disco! O disco!
(A MÃE DEIXA O GURI E PÕE UM DISCO COM MÚSICA DE CIRCO. VOLTA PRA MESA E LHE FAZ COMER TODA A TORTA).
- MÃE - Uma pra mamãe... uma pro avô... outra pro papai...
O GURI COME A CONTRA-GOSTO. A MÃE SERVE-se UM PEDAÇO E COME)
- PAI - (DESDE DENTRO) Mais alto que não "tô" escutando!
(A MÃE APROXIMA-SE DA MESA E PÕE VOLUME NO DISCO E COLOCA O GURI COMO SENTADO NUMA PLATÉIA. O PAI SAI DO QUARTO, VESTIDO DE CHAPLIN. UMA MÁSCARA, UM CHAPEU CÔCO E UMA BENGALA. CAMINHA COMO CHAPLIN. DÁ VOLTAS NO QUARTO ACOMPANHANDO A MÚSICA. GIRA NAS ESQUINAS COMO CHAPLIN. A CENA É GROTESCA. A MÃE DÁ GARGALHADAS. O GURI NEM OLHA. INDIFERENTE).
- MÃE - (AO GURI) É carlitos! Carlitos Chaplin!
(O GURI, INDIFERENTE. O DISCO A TODO VOLUME. A MÃE AS GARGALHADAS. O PAI DESAPARECE E VOLTA DE BICICLETA. DÁ VOLTAS PELO QUARTO. A MÃE VOLTA A RIR).
- MÃE - (AO GURI) Carlitos em bicicleta! Ri! Vamos!
(O PAI CAI NO CHÃO ESTREPITOSAMENTE)
(A MÃE AS GARGALHADAS)
- MÃE - Carlitos caiu!
- PAI - Cale a boca, bobalhona! Que machuquei um pé! (CAMINHA PULANDO NUM PÉ E COM A BICICLETA NA MÃO. A MÃE RI DA CENA. O GURI INDIFERENTE).
- MÃE - Carlitos caiu! Que engraçado! Olha como caminha!
- PAI - Bicicleta de merda (AGARRA A BICICLETA E CHUTA-A. SAI. A MÃE RI AINDA MAIS PELA SITUAÇÃO. O PAI VOLTA A ENTRAR. COLOCA DUAS CADEIRAS E PÕE UMA CORDA ENTRE AS DUAS NO CHÃO. TEM UM GUARDA-CHUVA NA MÃO. COLOCA-SE NUM DOS EXTREMOS. CAMINHA SE EQUILIBRANDO. A MÃE SEGUE-O COM ATENÇÃO).



- MÃE - Carlitos equilibrista! Olha!
(O PAI CAMINHA PELA CORDA EM ATITUDE DE EQUILIBRISTA; CRUZA DUAS OU TRÊS VEZES A CORDA ATÉ CHEGAR NO EXTREMO OPOSTO. SAUDA O PÚBLICO. A MÃE APLAUDE. O GURI INDIFERENTE. O PAI APRESSA-SE EM CHEGAR, COMO OS EQUILIBRISTAS. A MÃE, A CADA CHEGADA NA CADEIRA, GRITA. NUMA DAS CAMINHADAS ABRE O GUARDA-CHUVA. A MÃE SEGUE-O ATENTAMENTE. O PAI DÁ GIROS E CONTRAGIROS, COMO UM EQUILIBRISTA. PÔE O CHAPÉU NO GUARDA-CHUVAS E FAZ MALABARISMOS).
- MÃE - (AO GURI) Olha o que ele faz! Olha! (O GURI NÃO OLHA. O PAI, INTENCIONALMENTE, AFROUXA AS CALÇAS, QUE CAEM, COMO NO FILME DE CHAPLIN "O CIRCO". FICA TENTANDO LEVANTAR AS CALÇAS, COM O GUARDA-CHUVAS E O CHAPÉU EM CADA MÃO. FINALMENTE CHEGA ATÉ A CADEIRA. A MÃE DÁ GARGALHADAS, APLAUDE. O GURI, INDIFERENTE. O PAI VOLTA AO MEIO DA CORDA, TIRA DUAS LARANJAS E UMA BANDEIRA DE LANÇAS, QUE AGITA)
- MÃE - (GRITA) Lanús! Lanús! (AO GURI) Vamos, grita: ao Lolón!
(A MÃE FICA DE PÉ PARA OVACIONÁ-LO. O PAI TIRA DA SUAS ROUPAS UM CRAVO VERMELHO E JAGA-O PRA MÃE. A MÃE RECOLHE-O EMOCIONADA. O PAI ATRAVESSA A CORDA E CHEGA NUM EXTREMO. A MÃE APLAUDE FURIOSAMENTE. TERMINA O DISCO. O PAI SAUDA. A MÃE OVACIONA-O EM PÉ. O GURI INDIFERENTE).
- MÃE - Carlitos! Carlitos! Outra! Outra! (PÔE O DISCO. O GURI FICA EM PÉ. ATRAVESSA O PALCO E SE DETÉM NO ESPELHO A SE OLHAR. O PAI NÃO VÊ. FAZ UM NOVO PASSO DE BALÉ, ATRAVESSANDO A CORDA COM TODO TIPO DE MALABARISMOS, ANTE OS GRITOS E EXCLAMAÇÕES DA MÃE. O PAI JOGA CRAVOS. A CENA É DE (PAROXISMO). DE REPENTE, OS DOIS PERCEBEM QUE O GURI ESTÁ NO ESPELHO. ROMPE-SE O JOGO).
- PAI - Ei! O que tu tá fazendo? Onde tu vais? Pára aí, guri! Vem cá!
- MÃE - Oh Guri! Que tu tá fazendo? Tá louco?
(PAUSA)
- PAI - (CHORAMINGANDO, JOGA A MÁSCARA NO CHÃO) Eu me quebro todo prá te fazer a festa. (A MÃE CHORANDO) Me visto de Carlitos prá te fazer rir. Olha como ficou o meu pé por causa da bicicleta. Tudo roxo. (A MÃE SEGURA-LHE O PÉ NO COLO) E tu o que faz? (AO GURI) Nada. Tu nem sequer riu nenhuma prova! Com a mesma cara de sempre! Cuspiu na torta que eu te fiz! E agora tu levanta no meio da festa!
- MÃE - Festa de palhaços, prá mim? Velinhas de aniversário? Aqui, oh! Me davam um chute na bunda por cada ano!



- PAI - Claro. Não gostas de nós como pais. Gostarias de ter filhos. Mais famosos! Assim podias te mostrar no colégio! (PAUSA) Mas não importa! Segue a festa! (ENTUSIASMA-SE) O circo nunca pára! Isto é cinema continuado!
- MÃE - (EXCITADA) E agora o que vem?
- PAI - A continuação, a prova do negro! (O GURI, NO ESPELHO EXCITA-SE. PÂNICO)
- MÃE - O jogo do negro! Que lindo! Eu gosto de jogar ao negro! (O PAI ARRASTA O GURI E A MÃE AMARRA-LHE AS MÃOS E OS PÉS À CADEIRA. O GURI CONTORCIONA-SE EXCITADÍSSIMO. O PAI CORRE E TIRA DE UMA MALA UMA MÁSCARA DE METAL DE UM NEGRO. COLOCA-A NA CARA DO GURI QUE NESSE MOMENTO GRITA DESCONSOLADAMENTE. GEME. A MÃE TIRA UMAS BOLAS DE MADEIRA DA MESMA MALA. OS DOIS TOMAM AS BOLAS DE MADEIRA E JOGAM-NAS NA CARA DO GURI, QUE GRITA DESESPERADAMENTE. O JOGO É EXCITANTE PARA OS DOIS. NO MEIO DO JOGO COMEÇAM A TOCAR-SE OS GENITAIS, ATÉ CHEGAR NO ORGASMO. FICAM ABRAÇADOS. O IMPACTO AGRESSIVO DAS BOLAS DE MADEIRA NA CARA DO GURI, EXCITA-OS SEXUALMENTE. O GURI COMEÇA A UIVAR).
- PAI - O que há com ele? Quer nos foder a festa outra vez?
- MÃE - (AO GURI. TIRANDO-LHE A MÁSCARA DE NEGRO) Ne diz? Quer o penico! Tira daqui esse nojento! (AO GURI) Agora tu vai te foder, porque a gente não joga mais! Terminou a festa!
- MÃE - (PREOCUPADA) A mamãe te faz massagens na barriguinha.
- PAI - Deixa que uive. Está na idade do crescimento!
- MÃE - Será que o purê lhe fez mal! Hoje comeu muito!
- PAI - Não lhe dói nada, não! Por acaso não vomitou como todos os dias?
- MÃE - Agora o neném vai dar um lindo cocozinho pra mamãe, heim? (BEIJA-O ENQUANTO LHE FAZ MASSAGEM)
- PAI - (APROXIMA-SE GOZADOR) Tu vai ver no estádio como vai uivar! Lanús! Lanús! (UIVA COM O GURI) Tu vai ver no meio da torcida (SAI UIVANDO E RINDO).
- MÃE - Mamãe vai te por um supositório na bundinha e tudo vai passar, heim? Com um supositório passa tudo (SAI) (O GURI CONTINUA UIVANDO. OLHA-SE NO ESPELHO. TRANSFORMA O UIVO EM UM CHORO PROFUNDO E LONGO).

CENA X - VEXAME

A MÃE ESTÁ VESTIDA DE PROSTITUTA COM A PARTE DE CIMA DO CORPO NÓ. SENTA-SE NUMA CADEIRA DANDO AS COSTAS PARA O PÚBLICO. O GURI SAI DO ARMÁRIO VESTIDO DE DOMADOR E TIRA O MESMO CHICOTE QUE UTILIZA NA CENA DO "ICO" COM O PAI. DEVE FICAR CLARO QUE O GURI RESPONDE REFLEXIVAMENTE A SITUAÇÃO. QUER DIZER QUE O CONTROLE DA SITUAÇÃO ESTÁ DADA



PILLA MÃE. O GURI APROXIMA-SE DA CADEIRA ONDE ESTÁ SENTADA A

MÃE - Gostas da minhas costas? Lindas, não é?
(CHICOTADA)

MÃE - Diz que não é velha. Me diz que é jovem!
(CHICOTADA)

MÃE - Me fala das outras. Me conta como são!
(CHICOTADA)

MÃE - Como é que são as costas das outras? Me conta?
(CHICOTADA)

MÃE - Vamos, guri! Me conta como são!
(CHICOTADA)

MÃE - Gostas das outras? Diz prá mim!
(CHICOTADA)

MÃE - São mais jovens? Mais bonitas?
(CHICOTADA)

MÃE - Elas tem a carne mais dura? Diz guri: è verdade?
(CHICOTADA)

MÃE - (GRITANDO) Mas eu sou mais bonita, não é verdade? Diz que
sim!
(CHICOTADA MAIS FORTE)

MÃE - Diz que sou a mais bonita de todas! Diz isso guri, por favor!
(CHICOTADAS MAIS INTENSAS)

MÃE - Quero que tu me digas que sou a mais bonita de todas! A mais
jovem! A mais linda! Tu entende?
(CHICOTADA FORTÍSSIMA)

MÃE - A mais jovem! A mais bonita de todas! A mais jovem! A mais
bonita!
(CHICOTADAS SEGUIDAS, SEM PAUSA. SILÊNCIO DA MÃE)

MÃE - Chega, filho da puta! O que tu tá pensando? Que por uns pi-
las de merda vou deixar tu me arrebentares toda? Sai, viciado,
nojento! Cai fora antes que eu te mate! (APROXIMA-SE E BATE)
Olha o que tu me fez! Bicho nojento!
(O GURI SAI DE CENA CORRENDO COM MEDO E METE-SE NO ARMÁRIO).



Aparece a mãe limpando o álbum da família, que tinha tirado do armário. Limpa-o com um espanador. A mãe tem creme e relas nos cabelos. O garoto brinca com um yo-yo fazendo verdadeiros malabarismos. O pai estufa com livros de roleta sobre a mesa. A mãe com o álbum dirige-se ao pai.

mãe: Velho, olha o que eu encontrei.

pai: (olhando por debaixo dos óculos) O que?

mãe: nesse álbum de fotografias (aproxima-se) (abre o álbum) (vai passando as folhas e olhando as fotos. Ele não se interessa e volta a estudar) olha que bonito tu estavas na foto do casamento. Olha, (lhe dá o álbum).

pai: (agarra o álbum) Olha só (pausa)... Pinta não me faltava... Mas seu mais interessante agora, né?
O cabelo mais curto...

mãe: interessante como? (Olhando a foto).

pai: quer dizer atraente... sei lá...

mãe: Tu sempre foi bonito. Tu piorou um pouco nos últimos anos... Mas ainda... Heim velho?... ainda...

pai: Olha-a a Sérgio que tu ainda gosta de mim?

mãe: AAh! Tu sabe que és o homem mais bonito que já conheci? (Dá-lhe as mãos, depois volta às fotos do álbum).

pai: O que tu tens?

mãe: (Chorando) Olha a mamãe... pensar que já tinha e corio torado pelo câncer.

pai: (Olhando) Coitada da Rosália (Aproxima-se e acaricia-lhe a cabeça). O que agente vai fazer, velha? A vida é assim... Nascermos e morreremos. É a cruz realidade. É assim mesmo.

mãe: mas a coitada sofreu tanto.

pai: todos sofremos, velha. Ninguém se salva. (continua olhando o álbum) (choraminga) pai! ... Meu velho... Ferrai!... Macho bonito!

mãe: (olhando e chorando) Meu velho... Eu o queria tanto...

pai: (chorando) Ele também te queria muito. Tu lembra como ele ficava bravo quando eu brigava contigo? Gostava de ti como uma filha.

mãe: Pra mim o velho era como um pai.

(Os dois continuam olhando o álbum muito atentamente)

mãe: Olha mamãe outra vez (Chora mais forte) com papai!

(Se abraçam) quarenta anos juntos.

pai: É uma vida.

mãe: Depois da morte da mamãe ele caiu muito, baixou uns 20 quilos.

pai: Ele gostava muito de tua velha.



mãe: Ela também gostava muito dele. Taria gostado de ter um filho
(Continuam olhando as fotos)

pai: (Chora) Mamãe! (Ela o abraça) Tu aguentas todas, velha. (Chora mais forte) Ah, velha! Chega com este álbum de merda! Não aguento mais!

mãe: (Chora) Continua, velho... é lindo... São seres queridos. Por tanto tempo que não estávamos tão juntos... (Abraçam-se)

pai: É que não aguento mais, velha... (Continua olhando) Olha entre foto da mamãe! Até parece que está aqui!

mãe: (Chorando) E ela está aqui...

pai: Onde?

mãe: Aqui, com agente, nesta casa, nos iluminando e rezando pela família... Pelo futuro... Mamãe, teu velho, tua mãe... Todos nos protegem...

pai: Crer ou arrebentar, caralho...!
(Continuam olhando as fotos)

mãe: Olha a praça Irlanda. Lembra? O colégio Santa Brígida... Aqui tu me deu o primeiro beijo. Olha a data: Novembro de 51.

pai: O ano em que Boca nos mandou para a 2ª divisão... Como não vou me lembrar!

mãe: Olha minha pinta!

pai: Tu era um avião! Olha que coxas!

mãe: E agora tu não gostas?

pai: (Olha-a) Sim... Agora também... Agora tu não está mais arrumada... sei lá, tens mais experiência...

mãe: Estás com o palitô azul, aquela que tu comprou na Mesbla... Ficava muito bonito em ti. Bota ele velho, eu o tenho no armário. (Vai ao armário)

pai: Faz muito calor!

mãe: Põe e me dá um beijo como na praça Irlanda. Vamos, velho a gente nunca sai. Põe por mim. (O pai veste o casaco) (O guri aproxima-se e olha)

mãe: (Os dois se olhando) Viu como ficou bonito? Não quer botar de serrilha que és. (Pausa) Primeiro tu jogou minha mão e depois me falou no avião. Lembra o que tu disse?

pai: Claro que eu lembro.

mãe: Tu falou: Te quero. Sério que tu lembra?

pai: Mas claro, velha! Como é que não vou lembrar?

mãe: Diz de novo, agora.

pai: Te quero muito.

mãe: Tu disse que eu tinha os olhos muito bonitos.

pai: São lindos... Eu sempre gostei muito. (Ao guri) Ficamos namorando quase duas horas (O guri ri esportivamente) Estávamos nos beijando no banco e o guarda nos iluminou com a lanterna, já pensou? (Ri)

mãe: Pára, velho. Eu fico com vergonha diante do guri!



- pai: (Ao guri) Lapeia o valho nos pargentou porqur tñbuos de...
to (Ri) e eu disse que depois de pegá-la na Cultural Francesa convidai-
a pra tomar um sorvete. Baita sorvetão que tu comeu, Veit? (O guri ri).
- pai: Teu avô olhava e eu tinha a braguiha aberta (Prá mãe) e a tua velha
me olhava, (oá guri) e eu botava o "Correio do Fovo" entre as pernas
para dissimular.
- mãe: (Ao guri) Não dá bola...
- pai: Eram outra épocas, velha. Agora a juventude nem bota o "Correio". Nós
éramos mais educados. (Ao guri) Mas éramos mais felizes (pausa) toma-
ra tu encontre uma mulher tão companheira e tão linda como a tua mãe!
- mãe: Terá tempo de encontrá-la.
- pai: Tu vai crescer e formar um lar como o nosso, se Deus quiser.
- mãe: (Ao guri) Nos no início fizemos muitos sacrifícios. Mas, com o amor,
sempre superamos todas as dificuldades.
- pai: É verdade, no casal, se não existe amor, todos os obstáculos se fazem
insuperáveis. A vida sem amor é foda, guri.
- mãe: De recém casados, papai tinha dois serviços. Trabalhava 14 horas por
dia. Mas, nos queríamos tanto!
- pai: Quando tu nasceu, houve um momento em que trabalhei em três lugares.
- mãe: Mas, quando papai chegava do trabalho, primeira coisa que fazíamos era
te tirar do berço pra te comer e beijar, lembra velho?
- pai: (Toca-o como boxeando) Que paisão, hein guri? (O guri responde com
"Fintas").
- mãe: Vamos, que vão terminar se machucando.
(Continuam a fazer "Fintas" e o guri lhe acerta um bolacha no jogo.
Pai quer contra-atacar pelo orgulho. O jogo se faz mais sério) Tu
quer parar, velho? Vai te dar um enfarto. Estás cansado. (Agarra-o).
- pai: Me deixa, que estamos brincando!
(O jogo continua e o pai para pela fadiga) Velha me tras uma cerveja
estou com calor.
(O pai "assooprando" pela fadiga. O guri, tranquilo joga yo-yo, fazem
do malabarismos).
- pai: (Cansado) Quase que eu te calço com a direita, mas não quis te botar
a mão... Se eu soltasse a direita podia te machucar, afinal de contas
tu é meu filho. (O guri continua fazendo malabarismos e ri) Quando
eu era jovem, batia muito forte. Agora também, só que canso um pouco...
Falta de hábito... O cigarro...
- mãe: A cerveja, velho (Agarra o álbum).
- pai: Conta prá ele o dia em que eu deixei teu irmão com o olho roxo, conta...
- mãe: Tu já lhe contou vinte vezes. Deixa de ser fanfarrão.
- pai: Me gozava dizendo que Lânus era um tipo de segunda, até que um dia
lhe dei uma bocha e o senti de bunda... Eu tinha a mão pesada...
- mãe: (Olhando as fotos) Olha o guri quando tomou a primeira comunhão na
paróquia da assunção. (O pai olha). Olha, nanê, que lindo tu lava



com o trajezinho. (O guri olha) O Padre Artase! Um ano antes farto.

pai: (Ao guri) Esse padre era um palherengo...

mãe: (Passando as fotos) Olha a foto da oitava série, tu tava de abandonado...

pai: (Olhando) A festa de fim de ano quando te deram o prêmio ao melhor aluno, lembra?

mãe: (Ao guri) Esse dia estávamos tão orgulhosos!

pai: (Ao guri) Quer fumar um cigarro? (Toma uma carteira de cigarros e oferece um ao guri. O guri tira um cigarro e fuma) Bebe um pouco de cerveja. Vai te fazer bem para a fadiga... (O pai lhe faz outra fita como que perdoadando-lhe a vida. O guri esquiva e senta-se no chão e fuma. Devolve a cerveja para o pai. A mãe fecha o álbum e fica pensativa e entrega o álbum para o guri. O pai coloca seu braço nos ombros da mãe e acaricia protetoramente o guri com a outra mão. (A cena fica estática como uma foto) (BLACK-OUT)

CENA XII - SOLIDÃO

O pai tem na mão uma borracha. Olha-a. Coloca-a na boca. Começa a enchê-la. Todos os movimentos são muito lentos. A borracha começa a adquirir certa forma. O pai começa de assopear. Seu rosto está vermelho. Sua respiração agitada. Enchê-la demanda grande esforço. A borracha, muito lentamente, vai adquirindo a forma de mulher. Uma loira tipicamente americana. Quando termina de enchê-la, apara-a, toma-a da mão, olha para ela. (BLACK-OUT)

CENA XIII - PRÁ-FINAL

Vive-se clima de festa de futebol. Há bandeirinhas do Grêmio, fotos de times geladas no armário. Todo o tipo de material futebolístico. A foto de Tesourinha e do Everaldo. A mãe, nervosa, entra e sai. O guri está sentado no meio do quarto com um boné do Grêmio na cabeça e na mão uma bandeirinha.

mãe: (Ao pai) Quantos sanduíches de milanesa lhes preparo?

pai: Faz dois pro guri e um prá mim (Ao guri) tu vai gostar de futebol (veste uma camiseta do Grêmio) Se gostas, te faço sócio (a mãe) quanto faz que eu não vou ao futebol.

mãe: (Entrando com os sanduíches) Já deve fazer uns cinco anos.

pai: A última vez que fomos empatados com o INTER. (Ao guri) Um golaço do



"Nene" Everaldo de 30 metros... (a mãe) traz duas sacolas de contêsses para a saída dos jogadores. (Ao guri) Tu vai ver o que são os Grêmios! Na galera tu vai aprender a gritar grêmio, grêmio... (Oguri não escuta) Tu vai ver quando saem os gramates! A gente esgape de tudo lá dentro (pega-o da camisa e o puxa contra ele) Vais te fazer homem! Macho! Tu vai virar macho na galera!

mãe: Para, tá louco! O que tu tá fazendo com ele?

pai: (Solta-o) Tomo, lê o jornal e aprende os nomes dos jogadores. Aprende de cor para poder gritar no jogo. (prá mãe) Será que o negrão Benites continua indo? Que fanático! Ele ia ver o time todos os domingos jogasse onde jogasse (Ao guri) Era ele que tinha a bandeira, o negrão não a soltava nunca (A mãe) Vamos velha, depressa com o guri, que eu quero ir cedo pra ver os juniores. (Ao guri) Hoje vamos nos faltar de futebol, hoje vamos ganhar dos juniores do inter que estão em primeiro, na tabela. Vamos acabar com eles. (O guri tira o boné! Põe-se-o bruscamente) Tem que te acostumar. Decorou os nomes? (Tira-lhe o jornal. A mãe veste-o mecanicamente) Pega uma bandeirinha (Dá-lhe uma bandeirinha) e cuidado! Os de camisa vermelha são do Internacional. Tu não me faz passar vergonha com os rapazes. Tu não podes te confundir, os do Grêmio têm camisa azul e branca, como a bandeira. (Lê o jornal) Deixa ver... Quem joga hoje? Ferra, não conhece ninguém!

mãe: Lhe ponho um casaquinho?

pai: que casaquinho nada! Se os colorados inventam de mijar vão lhe sujar toda a roupa. É uma torcida nojenta! Se porem, mijam toda as sociais.

mãe: Que nojo! (põe o saquinho com os sanduíches de milanesa e penteia o guri, o guri vai se olhar no espelho, e pai está pronto)

pai: O que?! Tu já vai começar a encher o saco com este espelho de munda!

mãe: Deixa, ele quer ver se está bonito (Aproxima-se e coloca-se atrás)

pai: Vamos embora, senão vamos chegar tarde! (Separa-os bruscamente. Agarra o guri e o arrasta pela mão)

mãe: Deixa de ser bruto! Animal! (Aproxima-se do guri) Vem te beijar, me beija na mão. (Beija-o)

pai: Vamos embora que já é tarde. Que é que tu tá fazendo perdo como um bobalhão? (Emparra-o outra vez) Vamos embora que eu quero ver os juniores (pega-o, arrasta-o) Grêmio! Grêmio! Grêmio! (Saem)



Cena que continua a saída do pai e o guri pro jogo. A mãe fica sozinha. Vai ao armário e coloca a roupa de Grouper. Puxa uma roleta, o pano e joga. (BLACK-OUT)

O pai e o guri aparecem no fundo da cena iluminados só no rosto (Não se enxergam os corpos) Não há luz exceto nos rostos dos personagens. O pai deve dizer este monólogo em forma impessoal, olhando pro fundo da sala, ouve-se o ruído da bola que gira.

pai: Chegamos no estádio (Pausa) Me reconheceram (Pausa) Lhes apresento o guri (pausa) O Negrão Benites lhe abraçou (Pausa) Fizeram lugar pra gente e nos sentamos (Pausa) Estavam meus amigos de antes e os de sempre.

mãe: (Não dá prá vê-la durante a cena) Ganhou a banca!

pai: Quando o time saiu, jogamos confetes (Pausa) Nos levantamos para sair (Pausa) Gritávamos Grêmio! Grêmio! Grêmio! (Pausa) Em mais hora estávamos em vantagem de um a zero (Pausa) Veio o intervalo (pausa) O Negrão Benites deu de presente dois sanduíches de mortadela para o guri e para mim (Pausa) Todos estávamos contentes. (pausa) Gostávamos da torcida do Inter.

mãe: Ganha a banca!

pai: O segundo tempo foi interminável (pausa) O inter veio prá cima (Pausa) Tinham nos dominado (Pausa) Na torcida, agente perguntava a cada instante quanto faltava pra terminar (Pausa) Inter

mãe: Ganha a banca!

pai: Faltava um minuto (Pausa) Sofríamos como doídos (Pausa) Sobrença de falta para o Inter perto da área (Pausa) O negrão Benites não queria nem olhar. Cihel e relógio em cima da hora (Pausa) Fechou os olhos (Pausa) Abriu-os quando claudioniro deu um chute trancado (Pausa) A bola entrou como uma bomba dentro do gol (Pausa) Respiraram em cima da hora. Terminou o jogo. Silêncio de morte na torcida. Tentamos todos. Benites chorava, parecia no funeral. O guri se levantou (Pausa) Olhei-o surpresa. Ia lhe perguntar o que acontecia, quando... (O guri até o momento permaneceu imóvel. Grita: Goll! Goll! Goll! Seu rosto se agita como o de um torcedor fanático. O pai não olha como se fosse um objeto atirado. Depois dos gritos o rosto do guri volta a ficar imóvel)

mãe: Ganha a banca!

pai: Voaram as primeiras pedras (Pausa) Iure Jan, garrofas, (pausa) a primeira acertada veio de Benites (Pausa) Gritaram-nos, bateram-nos, cuspiram (Pausa) Traidores! Sujos! Pedras das sociais (Pausa) Filhos de puta! Cornos! (Pausa) Outros nos aguardavam na rua (Pausa) Pareciam



milhares (Pausa) Milhares, milhares, milhões, milhões!
mãe: Ganha a banca!

pai: milhares, milhares, milhões, milhões! (BLACK-OUT)

(Luz no guri. Repete outra vez o grito de gol! gol! e volta a sua posição imóvel. Neste segundo grito leva um boné do Inter na cabeça).

CENA XV - TUDO OU NADA

O pai joga roleta, o guri de Croupier.

Croupier: Zero! (Sem olhar a roleta e olhando fixamente pro pai durante a cena toda. Retira as fichas)

(O pai aposta mais fichas)

Croupier: Zero! (Mais forte e sem olhar a roleta, retira)

(O pai joga mais fichas)

Croupier: Zero! (Mais forte, retira)

(O pai aposta seu resto de fichas)

Croupier: Zero! (Mesma atitude)

(O pai começa a despir-se e aposta a camisa)

Croupier: Zero! (Retira a camisa)

(O pai aposta os sapatos)

Croupier: Zero! (Retira os sapatos)

(O pai aposta as calças)

Croupier: Zero! (Retira as calças)

(O pai aposta as cuecas)

Croupier: Zero! (Retira as cuecas)

(O pai sabe nú no tabuleiro)

Croupier: Zero! Zero! Zero!

(O pai pula em cima do tabuleiro gritando)

CENA XVI - O OLHAR

O guri nesta cena está o tempo todo com a boca aberta até o final. A mãe olha o guri enquanto oferece-lhe o purê.

pai: Por que olhos prá ele assim? Lhe faz mal. (A mãe interrompe o oferecimento do purê)

mãe: Como é que sabes que estou olhando para ele?



pai: Porque eu te olhava.

mãe: (Chateada) Quer dizer que tu olhas e que eu olho?

pai: Eu não olhava e que tu olha, eu te olhava. Não precisa a não consigo
dir.

mãe: Como é que tu sabe que eu o lhava, se tu tava olhando prá mim?

pai: Simplesmente, porque te olhava e tu o olhavas.

mãe: Se tu me olhas, não pode ver o que estou olhando. Não podes olhar
para ele se estás olhando para mim. Tens que olhar para ele também.

pai: Eu não olho nunca para esse imbecil. Não perco o tempo com baratas.

mãe: Mas tu olhou prá ele quando olhavas que eu o olhava.

pai: Chega, eu olhava e que tu olhavas, e deu.

mãe: (cínicamente) Eu te olhava.

pai: Como que me olhavas?

mãe: pelo rabo do olho.

pai: Pelo rabo do olho?

mãe: Claro, te olhava com este olho, tá vendo? (Mostra)

pai: Sim, sim, e conheço. Tá bom, chega, tá?

mãe: Como que chega, se tu conheces?

pai: Tá legal, vai que eu tenho que estudar.

mãe: Tu só te dizende que eu olhava pelo rabo do olho que tu olhava que eu
olhava o guri (Pausa)

pai: (Com ar de superioridade) Tu já sabia, estúpida.

mãe: Sabias o quê?

pai: (Sabidamente) Eu sabia que tu me olhavas pelo rabo do olho. Quando eu
te olhava que tu olhavas para o guri.

mãe: (Com raiva) Como é que tu olhavas?

pai: Por detrás dos óculos. Assim, tá vendo? Com o tempo aprendi a ver det-
rás dos óculos (Mostra para ela) Faz anos que eu o faço (Pausa)

mãe: (Li dando gargalhadas)

pai: (Chateado) De que tu tá rindo agora?

mãe: Eu também tava te olhando.

pai: Heir? E como é que tu me olhava?

mãe: Te olhava pelo reflexo do garfo, tá vendo? (Mostra prá ele) Aí, ôh!

pai: E o que é que tu olhava?

mãe: eu olhava que tu olhavas que te olhava pelo rabo do olho quando o-
lhavas que eu olhava o guri.

pai: (Pega o garfo) E por este garfo tu viu tudo isso?

mãe: Não seu besta, eu só olhava que te olhava.

(Pausa) (O pai ri) Tu tá rindo de que agora? Imbecil!

pai: Tu achas que eu te conheço desde então?

mãe: (Com raiva) Qué que há agora? Tá rindo de que?

pai: Porque eu olhava que tu olhavas pelo garfo que eu te olhava quando
tu me olhavas pelo rabo do olho quando eu te olhava que olhavas o
guri. Um gênio? Um nenê? Um imbecil?



mãe: (Indignada) E por onde que tu olhavas que eu olhava pelo garfo quando tu me olhavas quando eu te olhava pela raba do olho que tu me olhavas que eu olhava o guri?

pai: Pelo olho do céu.

(A mãe ofarece purê na boca do guri, e este corpe-se com violência. O pai e a mãe olham-se longa e profundamente)

CENA XVII - O PACOTE

O pai e a mãe trazem um pacote cuidadosamente embrulhado em papel de seda. Colocam-no sobre a mesa da sala. O guri, que está no espelho, olha-os. Os pais ficam a um metro da mesa.

mãe: Vai... Abre, é para ti (O guri não se mexe)

pai: É um presente do papai e da mamãe (O guri não se mexe)

Vai... Abre (O guri aproxima-se) vai!

(O guri aproxima-se do pacote e assopra várias vezes) Não é um bolo imbecil! É um pacote, entende? Um pa-co-te (Prá mãe) Abre (A mãe aproxima-se e vai abrindo lentamente o pacote. De fundo da caixa tira um pano verde com um zíper. Abre o zíper e tira lentamente uma corda em forma de força)

mãe: (Pegando a força nas suas mãos muito sensualmente) Que acobramento! (Ao guri) Toma, é pra ti (O guri pega a corda automaticamente. Não olha)

pai: Que presentão, heim? A Corda é americana. Não apodrece (Insur) E tu não diz nada, como sempre. Como tu é mau agradecido!

mãe: lendo as instruções) Pendura-se no teto, velho. Será que aguenta?

pai: (Sobe numa escada. Coloca a corda, que fica pendurada enquanto a mãe, coloca uma cadeira debaixo da força) Na tua idade jamais se deram estas coisas. Tu nunca vai valerizar o que agente fez por ti.

mãe: Aqui, Oh! (Bate na cadeira) Aqui. Sobe aqui nenê.

pai: (Está inclinado na escada com a força na mão) Sobe tu velha, que este degenerado não entende nada.

(A mãe agarra-o com violência e o faz subir na cadeira. O guri treme o pai pega a força a tenta colocá-la, mas não consegue porque o guri abaixa a cabeça)

mãe: Cuidado, que tu pedes cair, velho.

pai: (Ao guri) Sobe a cabeça, idiota, mas olha que filho da puta, abaixa a cabeça para que eu não possa acorda. Tá querendo o quê? Que eu quebre uma perna?

mãe: Vamos nenê, ajuda o papai, seja bonzinho. (Pai agarra-o pelo cabelo, estica-lhe a força. O pai desce da escada)



pai e mãe: Um, e dois e ... três!

(A mãe tira-lhe a cadeira violentamente no exato momento em que o pai lhe dá, por trás, um violento empurrão. O corpo do guri balança pelo quarto todo. Se escutam gemidos e convulsões num dos movimentos quebra o espelho, que fica em forma de teia de aranha)

CENA VIII - ERA UM HERÓI

Na cena aparece uma fotografia do guri em um lado do corpo que continua pendurado. O pai e a mãe estão sentados na mesa que aparece na frente da foto.

mãe: Poderíamos ter lhe perguntado algo.

pai: Não teria falado, sempre foi reservado.

mãe: Mesmo assim a gente não tentou.

pai: Teria sido inútil.

mãe: Mas não tentamos.

Pai: Tinha pouco a dizer prá gente.

mãe: Mas sou a mãe. Como pode dizer isso?

Pai: Exatamente por isso. Não teria falado contigo.

mãe: Não entendo a juventude. São tão diferentes da gente.

pai: É verdade... São diferentes... Mas, são melhores.

mãe: Tu acha mesmo que são melhores?

pai: (Pausa) Foi um idealista.

mãe: Mas eu nunca mais vou ver ele!

pai: mas foi um herói!

mãe: Mas está morto, e o mundo não vai mudar.

pai: Sim o mundo vai mudar.

mãe: Não, não vai mudar.

pai: Sim vai mudar.

(Começam a comer)

mãe: Sim

pai: Não (Pausa)

Mãe: Sim

Pai: Não

(BLACKOUT)